

A TRISTE PROCISSÃO DO BEATO SEM BÊNÇÃO

Pablo Levi Ferreira dos Santos

Era o ano de 1946. Nuvens pesadas pairavam entre o Ceará e Pernambuco. A Segunda Guerra Mundial tinha chegado ao fim e o incidente do bombardeio ocorrido no interior havia sido escondido pelo governo. José Lourenço não morreu no bombardeio. Depois do fim do Caldeirão, foi se refugiar na cidade de Exu, no Pernambuco.

Após sua morte, por peste bubônica, em Exu, para manter a história viva, seus seguidores e fiéis decidiram levar seu corpo para Juazeiro do Norte, para que fosse abençoado pelo Monsenhor Joviniano Barreto e sepultado no cemitério do Socorro.

Algumas pessoas alertaram sobre o temporal que se formava no horizonte. Embora o Nordeste sofra com a seca, em certas épocas as chuvas são abundantes; ocorrem deslizamentos e cheias. Mas nenhum dos fiéis deixaria tais circunstâncias impedirem a longa e última caminhada.



A marcha: seguidores levam o caixão de beato de Exu a Juazeiro do Norte.



Na comunidade liderada pelo beato aconteciam celebrações, religiosas, tais como novenas, renovações e outras liturgias que podem ser realizadas em casa. Seus perseguidores, no entanto, usaram de tais práticas para perseguir o beato e seus seguidores. Na foto acima, o beato segura uma cruz usada nas preces diversas.

Saídos de Exu, muito tempo havia se passado. O peso do caixão estava insuportável. Os carregadores alternavam-se incontáveis vezes. Na caatinga, uma árvore que ofereça sombra é algo raro e a procissão não tinha muitos lugares para descansar. As pernas de alguns já não aguentavam o esforço. Estavam dormentes. As panturrilhas se contraíam, denunciando o esforço além do suportado.

Houve uma imensa alegria quando alguém anunciou que já via ao longe a cidade do Crato. Todos estavam com muita sede. Pediram água aos moradores, mas muitos fechavam a porta, com medo de contrair a peste que matara o beato. É que alguns da procissão traziam feridas escarlates pela pele, pelo rosto e pelos braços... Além disso, havia a má fama do beato. Finalmente chegaram aonde desejavam. Mas não puderam velar o corpo dentro da igreja. O monsenhor recusou-se a receber o corpo e abençoá-lo.

Todos foram expulsos da igreja. Lá fora, a chuva caía forte. Caixão aberto, debaixo de muita água, os seguidores do beato o velavam, tristes.

Depois o levaram para a casa de um de seus muitos afilhados. De lá, ao Cemitério do Socorro, onde foi enterrado. Tristes fatos...

“QUE NADA NOS
DEFINA. QUE NADA
NOS SUJEITE. QUE A
LIBERDADE
SEJA NOSSA PRÓPRIA
SUBSTÂNCIA.”

SIMONE
DE BEAUVOIR
ESCRITORA
ATIVISTA
FEMINISTA
FILÓSOFA